

HISTÓRIA(S), NARRATIVA(S), EXPERIÊNCIA(S): CONSTITUINDO PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Marcelo Bezerra de Morais, Jean Sebastian Toillier e Ivete Maria Baraldi
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
morais.mbm@gmail.com; jean3000@yahoo.com.br; ivete.baraldi@fc.unesp.br

Brasil

Resumo. Neste trabalho, pretendemos discutir as experiências adquiridas no desenvolvimento de dois projetos que usam a História Oral como metodologia de pesquisa em Educação Matemática e como essas experiências colaboram com a formação dos pesquisadores. Estes projetos são desenvolvidos em duas regiões distintas do Brasil, Nordeste e Sul. Num deles visa-se compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores de Matemática na região de Mossoró (RN), num período anterior a 1974; noutro, espera-se entender como se deu a formação de professores de matemática na região de Itaipulândia (PR), no período de 1961 ao final da década de 1990.

Palavras chave: história oral, formação de professores, experiência

Abstract. In this work, we intend to discuss the experiences gained in the development of two projects that use Oral History as a research methodology in Mathematics Education and how these experiences cooperate with the training of researchers. These projects are developed in two distinct regions of Brazil, Northeast and South. In one seeks to understand and build a historical version of how was the training of mathematics teachers in the region of Mossoró (RN), a period prior to 1974; in another, it is expected to understand how was the training of mathematics teachers in the region of Itaipulândia (PR) in the period from 1961 to the late 1990s.

Key words: oral history, teacher formation, experience

Desejo de introdução

A experiência é o que nos passa, que nos acontece, que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...] é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (Larrosa, 2002, p. 21 e 26)

Como afirma Larrosa, neste artigo, a experiência não é informação, é aquilo que nos atravessa, formando ou transformando. Nas pesquisas desenvolvidas pelo GH OEM (Grupo “História Oral e Educação Matemática”), grupo ao qual estamos vinculados, que fazem uso da História Oral como metodologia de pesquisa são trabalhadas as experiências vividas e ressignificadas daqueles que podem nos narrar histórias. Entretanto, “[...] o que analisamos não é, propriamente, a experiência do outro, mas o relato dessa experiência” (Fernandes, 2011, p.17), pois, como afirma Larrosa, a experiência do outro não pode ser, por nós, apreendida, a menos que, de alguma forma, a revivêssemos e tornássemos própria.

Contudo, ao vivermos a possibilidade de desenvolver estas pesquisas, estamos (quando o que vivemos nos toca, nos passa, ou nos acontece), vivendo nossas próprias experiências ou os

saberes da experiência. Muitas vezes, as próprias narrativas de nossos colaboradores nos atravessam, possibilitando adquirir novas experiências resignificando aquelas experiências já resignificadas, talvez, até, de outras experiências, e suas resignificações.

Neste trabalho, pretendemos mostrar as experiências de desenvolvimento de dois projetos que usam a História Oral como metodologia de pesquisa em Educação Matemática e como essas experiências colaboram com a formação dos pesquisadores de regiões bastante distintas do Brasil.

A (não) Experiência – um referencial teórico

Para Larrosa, todos os dias muitas coisas passam, mas não nos passam, o que torna cada vez mais rara a experiência. Para o autor, o excesso de *informação* contribui para essa falta de aquisição da experiência, na verdade, “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (Larrosa, 2002, p. 21). Hoje, a busca pela informação, como se ter muita informação fosse sinônimo de ter muito conhecimento ou de ser aprendiz, o que não é, parece ser o mais importante, o que faz com que quase nada nos aconteça.

Outro fato que contribui para a não aquisição de experiências, segundo Larrosa, é o excesso de *opiniões*. “O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação” (*Ibidem*, p. 22). Entretanto, esse desejo, essa fixação, de sempre opinar, também favorece para que nada nos atravesse, nada se torne experiência.

Outros dois inimigos da experiência para Jorge Larrosa são a falta de tempo e excesso de trabalho.

O *tempo* parece estar cada vez mais curto e, cada vez mais, estamos repletos de trabalhos para realizarmos. “O presente é rápido e, em sua rapidez, mostra-se como uma extensão do passado – não há mais passado: há um passado presentificado, pois também ele tornou-se presente, e esvai-se com a mesma rapidez – e engole o futuro” (Garnica, Fernandes e Silva, 2011, p. 222). Está tudo exacerbadamente rápido: a comunicação, os meios de transporte, etc. e estamos todo dia mais apressados e cada vez apressando mais o que fazemos. A vida está rápida. “Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera” (Larrosa, 2002, p. 23), e com o tempo cada vez mais curto, quando paramos para poder refletir sobre as ações, como algo vai nos atravessar para poder se tornar experiência?

E o *trabalho*? O autor corrige outra confusão usual na sociedade em que vivemos, que é acreditar que excesso de trabalho é sinônimo de experiência. Quantas vezes não ouvimos falar que só se adquire experiência em determinada coisa, se já fez, ou já trabalhou com aquilo? De que aprendemos a teoria na academia e no trabalho adquirimos a experiência? Para Larrosa (2002, p. 24), “não é somente porque a experiência não tem nada a ver com o trabalho, mas, ainda mais fortemente, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência”. Para o autor, somos seres pretensiosos, e o trabalho, essa ação, é derivado disso, dessa vontade de tudo saber fazer, de tudo poder fazer, de sempre querer fazer algo novo, diferente, se não agora, algum dia. Deixando-nos cada vez mais ocupados para que nada nos passe.

Nós somos sujeitos ultrainformados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. (Larrosa, 2002, p. 24)

E é toda essa agitação, de que nos fala Larrosa, esse excesso de informações, opiniões e trabalho que tornam a experiência cada vez mais difícil de ser conquistada. É necessário fazer algo pouco provável de se fazer na sociedade que vivemos, realizar ações que se tornam cada dia mais difíceis, interromper este turbilhonar de coisas e

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2012, p. 24)

Esse é o segredo para que tudo nos toque, nos atravesse, nos passe, formando e transformando. Só assim a experiência poderá se tornar em nós.

A experiência de um grupo ou um grupo de experiência? – Aspectos metodológicos

O Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) já desenvolveu, ao longo dos dez últimos anos, inúmeros trabalhos, embora caiba ressaltar que o grupo não só trabalha com História, ou só com História Oral, tampouco, só com Educação Matemática. Em boa parte dos

trabalhos desenvolvidos por este grupo, foi utilizada a História Oral como metodologia de pesquisa, sendo ainda hoje, como toda metodologia, algo que está em constituição no grupo.

Embora saibamos que metodologia não é apenas um aglomerado de passos, ou técnicas, mas, nos foi possível, ao longo desse tempo, constituir alguns procedimentos que consideramos plausíveis para a realização de trabalhos com essa metodologia de pesquisa como, por exemplo, a realização das entrevistas, transcrição, textualização, retorno do material produzido na entrevista aos nossos colaboradores, assinatura de carta de cessão e análise – vale ressaltar que esses são apenas alguns dos procedimentos (Garnica, Fernandes e Silva, 2011). Essa metodologia, bem como esses procedimentos que citamos, nos permite, e exige, refletir sobre nossas ações durante as pesquisas e temas objetos de estudo.

Por exemplo, durante a entrevista, o entrevistador deve saber ouvir, estar atento ao que é dito, ao que está estudando, bem como ao modo com trata o colaborador da pesquisa; durante o processo de transcrição – onde se dá a passagem do que foi gravado durante a entrevista para a forma escrita – é exigido do pesquisador grande atenção para todos os detalhes do áudio, todos os detalhes falados, para que tente conservar, o máximo possível, do clima e os atos que aconteceram durante a entrevista; durante a textualização – procedimento que utilizamos para chegar ao texto que pretendemos utilizar para apresentar no trabalho, ao final de nossas pesquisas – exige do pesquisador o mesmo trato dado durante a transcrição: atenção ao que é dito, cuidado com as alterações que fizer, tentar imprimir no texto as características sensoriais da entrevista, etc.

Esse processo de voltar, estar atento, parar, refletir, ouvir, questionar quando adequado, analisar, pensar, buscar em outras fontes, entre tantas outras ações que são necessárias no desenvolvimento das pesquisas do grupo, nos remetem refletir se estamos sendo capazes de produzir experiência nos nossos pesquisadores, ou futuros pesquisadores. Se pensarmos segundo as concepções de Larrosa sobre experiência, que corroboramos, talvez sim.

Decidimos então discutir as potencialidades da História Oral como colaboradora para a aquisição de experiências, para a constituição de pesquisadores em Educação Matemática, as possíveis experiências adquiridas a partir de dois projetos que estão em desenvolvimento. Estes projetos estão inseridos em um projeto maior do GHOEM que visa realizar um mapeamento sobre a formação de professores, nas distintas regiões que compõem o Brasil. Em específico, eles estão sendo desenvolvidos em regiões distintas do País: Nordeste e Sul, e visam, respectivamente: compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores de Matemática na região de Mossoró (região localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, a 277 Km da capital Natal), no período anterior ao ano

de 1974, data que marca a criação do mais antigo curso de formação de professores; e descrever a formação dos professores de Matemática que atuaram na região do Município de Itaipulândia, Paraná, no período de 1961 (quando a região começou a ser povoada) ao final da década de 1990 (anos após a formação do Lago de Itaipu que acarretou a inundação de parte do território do município). (Morais, 2012; Toillier, 2013).

Relatando as possíveis experiências... – Considerações

Para desenvolver a pesquisa na região de Mossoró (RN), o pesquisador seguiu alguns passos dos descritos acima: elaborou inicialmente o objetivo de estudo – já apresentado – e buscou seus colaboradores de pesquisa. Decidiu procurar por professores que tivessem começado a lecionar na região antes do ano 1974 e por intermédio da Internet conseguiu nome de seis possíveis colaboradores.

Em um segundo momento, foi possível para o pesquisador buscar acervos e outras informações sobre esses, ou outros, professores. O pesquisador foi a quatro antigas instituições de ensino de Mossoró, nem todas possuíam arquivos, mas, em algumas, foi possível ter acesso aos poucos Livros de: Atas, Correspondências, Recortes de Diário Oficial (jornal) falando sobre a Escola Normal de Mossoró, Registro de Posse, Pontos, Registro de Títulos; entre outros documentos. Assim, encontrou nomes de outros possíveis colaboradores.

De posse de alguns nomes, com o rascunho de um perfil dos professores com quem gostaria de conversar, foi à busca de alguns deles. E após algumas idas e vindas, aceites e recusas, entrevistou: Felisbela Freitas de Oliveira, Joabel Azevedo Dantas, Maria das Graças Bezerra Satler, José Arimatéia de Souza, Alcir Leopoldo Dias da Silveira, Luiz Carlos Avelino da Trindade, Raimundo de Freitas Melo, Francisco de Assis Silva (Chiquito) e um professor que não nos concedeu o direito de utilização de sua entrevista.

Cumprir lembrar que os nomes de alguns colaboradores surgiram após as entrevistas com os primeiros professores entrevistados. Dessa maneira, se aproximou destes professores pelo *critério de rede*, processo em que convidados a participar da pesquisa indicam outros (Garnica, Fernandes e Silva, 2011).

Antes, ainda, do processo de contato com os colaboradores, decidiu-se pela utilização não de um roteiro de entrevista, mas de Fichas Temáticas para a realização da pesquisa. Essa escolha foi baseada nos trabalhos de Rolkouski (2006) e Vianna (2000). No entanto, de maneira diferente destas, utilizou as fichas em uma sequência dada, por julgar que os colaboradores poderiam ter menos dificuldade em continuar um raciocínio, contribuindo para que o lembrar transcorresse de maneira mais fluida. Foram usadas vinte e sete fichas: *Apresentação pessoal; Família; Infância; Juventude; Cotidiano da cidade em que cresceu; Cidade e*

educação; Costumes; Política; Escola e rotina escolar; Disciplinas marcantes; Professores marcantes e suas aulas; Sistemas de ensino; Dificuldades nos estudos; Dificuldades em realizar os estudos; Mudanças na educação durante os estudos; Primeiros contatos com o ensino; Ingresso no magistério; Formação; Escolas e cotidiano durante o exercício do magistério; Dificuldades no exercício do magistério; Mudanças durante o Magistério; Mudanças na formação de professores de Matemática; Mossoró no início do magistério; Magistério em Mossoró; Mossoró no contexto atual; Ensino de Matemática hoje; Considerações.

Com as fichas e o gravador, o pesquisador realizou todas as entrevistas onde os colaboradores se sentiram mais a vontade. Após a realização de todas as entrevistas, iniciou o processo de transcrição. O pesquisador descobriu que esse processo poderia ser o passo mais difícil de toda a pesquisa, por ser um processo literal, rigoroso, isolado e, muitas vezes, cansativo... Concomitante a este processo, foram realizadas as textualizações e, ao terminar essa fase, todo o material elaborado retornou aos entrevistados para que, após a leitura e correção, pudessem legitimá-lo e ceder os direitos de uso.

Ao mesmo tempo, outro pesquisador iniciou sua pesquisa em Itaipulândia (PR), trilhando passos semelhantes para a sua elaboração e execução. Com a delimitação do tema, três possíveis entrevistados foram contatados, pois o pesquisador já os conhecia por ter sido aluno e colega de trabalho deles. Nesse caso, tratavam-se dos professores José Heckler Griebeler, Cecília Antônia Folador Moretto e Nelson Domingues.

Em contato com o professor José, mais uma vez o critério de rede apareceu, ao serem indicados os professores Guido Miranda e Antônio Derseu Cândido de Paula, os únicos que não residiam no município de Itaipulândia na atualidade. Por meio da consulta de documentos do Colégio Estadual Tiradentes, de São José do Itavó, distrito de Itaipulândia, foi possível encontrar o nome de mais dois professores: Oneide Martins Patrício e Lotário Otto Knob. Além disso, a pesquisa em outras instituições como na Casa da Memória, no Colégio Estadual Costa e Silva e na Secretaria de Educação, todos de Itaipulândia, na Documentação Escolar e Secretaria Municipal de Educação, ambos São Miguel do Iguazu (município vizinho do qual Itaipulândia se emancipou em 1993), e nas entrevistas realizadas com as pessoas já citadas, fez com que surgisse o nome de João Kazmirczak, ex-professor e ex-diretor de escolas de Itaipulândia, como um dos depoentes-colaboradores.

Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro que continha um pedido de apresentação do entrevistado e nove perguntas disparadoras das discussões que perpassavam desde a formação escolar e profissional do depoente, a condição de trabalho e das escolas à época, sua mudança e sua vida na região e se houve alguma influência da formação do Lago de

Itaipu para a educação do lugar, já que, antes de se tornar município, Itaipulândia foi afetada pela construção da Hidrelétrica de Itaipu, tendo mais de 54% de suas terras inundadas.

Diferente da pesquisa descrita anteriormente, o roteiro foi entregue para todos os depoentes-colaboradores antes da realização das entrevistas, assim como uma Carta de Apresentação, na qual era explicado todos os procedimentos da pesquisa e para qual finalidade a entrevista estava sendo gravada. Essa é outra possibilidade de trabalhar com a História Oral, contando com uma preparação prévia do entrevistado. Dessa forma, compreende-se que a História Oral é uma metodologia que não é engessada e com procedimentos únicos, mas que a partir de seus vários passos pode ser constituído um estudo diferenciado sobre o objeto da pesquisa.

Paralelamente à realização das entrevistas, houve a consulta aos acervos documentais de Itaipulândia e de outras cidades da região, pois ao realizar um trabalho com a História Oral como metodologia de pesquisa, dentro dos pressupostos do GHOEM, não é caracterizada uma operação historiográfica apenas a partir dos documentos compostos por meio da oralidade, omitindo outras fontes de pesquisa (Martins-Salandim, 2012). O que se acredita é que os depoimentos orais são disparadores para a compreensão das perguntas de pesquisa constituídas e que outras fontes de pesquisa, como os documentos oficiais e fotografias, possibilitam um aprofundamento das discussões, sendo fundamentais para a realização do trabalho.

Por Itaipulândia ter sua colonização recente, outra preocupação que se teve ao longo do processo de realização das entrevistas foi em conhecer aspectos relacionados à constituição histórica da região para que facilitasse a postura do entrevistador ao longo dos demais processos da pesquisa.

Semelhantemente, também efetuou a transcrição, textualização das entrevistas, bem como retornou os textos aos colaboradores para que esses pudessem conferir e ceder os direitos de uso. Ao fazerem a leitura, várias lacunas foram preenchidas pelos professores, constituindo-se como um momento enriquecedor para a pesquisa.

Mesmo com pesquisas em regiões distintas, as experiências dos pesquisadores nos permitem escrever esse texto no plural, pois são entrelaçadas pelas experiências de um e num grupo. Além disso, por meio dessas experiências em que eles se constituem pesquisadores, há um outro alguém se vivencia e experimenta o orientar. Mas isso seria uma outra história, uma outra narrativa, uma outra experiência.

Referências bibliográficas

- Fernandes, D. N. (2011). *Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, Brasil.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Garnica, A. V. M., Fernandes, D. N. e Silva, H. (2011). Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, 25 (41), 213-250.
- Martins-Salandim, M. E. (2012). *A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: Um exame da década de 1960*. Tese doutorado não publicada, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, Brasil.
- Morais, M. B. (2012). *Peças de uma história: formação de professores de matemática na Região de Mossoró (RN)*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, Brasil.
- Rolkouski, E. (2006). *Vida de professores de matemática: (im)possibilidades de leitura*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, Brasil.
- Toillier, J. S. (2013). *A formação do professor (de Matemática) em terras paranaenses inundadas*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, Brasil.
- Vianna, C. R. (2000). *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo. Brasil.